

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA E ESTUDOS DO LÉXICO

ARTIGO

GTOP SALVADOR – PROPOSTA DE GUIA TOPONÍMICO *ONLINE*, A PARTIR DO ESTUDO TOPONÍMICO DE BAIRROS SOTEROPOLITANOS*GTOP SALVADOR – PROPOSAL FOR AN ONLINE TOPONYMIC GUIDE BASED ON THE TOPONYMIC STUDY OF SALVADOR'S NEIGHBORHOODS*

JOSÉ MARTINS ABBADE

Doutorando em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB). Docente do curso de Letras da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). E-mail: joseabbade@gmail.com

CELINA MÁRCIA DE SOUZA ABBADE

Doutora em Letras pelo ILUFBA. Pós-doutora em Estudos de Linguagens pela UEFS. Docente da UNEB, campus I. Membro da ABRALIN, ANPOLL (GTLex), CIFEFIL e sócia-correspondente da Academia Brasileira de Filologia. E-mail: celinabbade@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta uma proposta de tese de doutorado voltada ao estudo da toponímia urbana dos bairros de Salvador, com foco na análise onomástica dos nomes geográficos e suas motivações linguísticas, culturais, históricas e étnicas. O objetivo central é desenvolver o G-Top Salvador, um guia toponímico online que sistematize informações sobre bairros e comunidades da cidade. A pesquisa fundamenta-se na relação entre léxico, cultura e sociedade, entendendo os topônimos como elementos carregados de significado histórico e identitário. A partir da teoria de Dick, os nomes de lugares são analisados segundo classificações taxonômicas, evidenciando que a nomeação não é arbitrária, mas motivada por fatores sociais e culturais. O estudo também discute a evolução territorial de Salvador, que passou de 32 bairros (1960) para 171 (2024), destacando a dinâmica da toponímia urbana e suas implicações políticas e sociais. Casos como os bairros Beiru/Tancredo Neves e Calabar ilustram como os nomes podem refletir disputas simbólicas, processos históricos e preconceitos sociais. Metodologicamente, a pesquisa combina análise bibliográfica, documental e possível trabalho de campo, organizando os dados em fichas lexicográfico-toponímicas. Os resultados preliminares indicam uma baixa presença de topônimos de origem africana (cerca de 3%), revelando possíveis marcas de exclusão histórica e colonial na nomeação dos espaços urbanos. Conclui-se que a toponímia urbana é um instrumento relevante para a preservação da memória social e para a compreensão das identidades locais, além de desempenhar papel político na valorização ou invisibilização de grupos sociais.

Palavras-chave: Toponímia urbana, Onomástica, Salvador.

ABSTRACT

This article presents a doctoral research proposal focused on the urban toponymy of Salvador's neighborhoods, analyzing geographic names through an onomastic perspective and examining their linguistic, cultural, historical, and ethnic influences. The main goal is to develop G-Top Salvador, an online toponymic guide to systematize information about neighborhoods and communities. The study is grounded in the relationship between lexicon, culture, and society, considering place names as carriers of historical meaning and identity. Based on Dick's theoretical framework, toponyms are classified taxonomically, emphasizing that naming is not arbitrary but socially and culturally motivated. The paper also discusses Salvador's territorial evolution, from 32 neighborhoods in 1960 to 171 in 2024, highlighting the dynamic nature of urban toponymy and its political and social implications. Cases such as Beiru/Tancredo Neves and Calabar demonstrate how place names reflect symbolic disputes, historical processes, and social prejudices. Methodologically, the research combines bibliographic and documentary analysis with potential fieldwork, organizing data into lexicographic-toponymic records. Preliminary findings reveal a low presence of African-origin toponyms (around 3%), suggesting historical and colonial patterns of exclusion in urban naming. The study concludes that urban toponymy is a key tool for preserving social memory and understanding local identities, as well as a political instrument that can either value or marginalize social groups.

Keywords: Urban toponymy, Onomastics, Salvador.

Palavras iniciais

Quando a fisionomia do bairro se humaniza, pode continuar se transformando e vivendo ou pode ser golpeada de morte.
(Ecléa Bosi)

"Em que bairro você mora?" (Aquino, 2007, p. 14), indagava, ativa, a manchete de um periódico soteropolitano em 2017. Na época, não soubemos responder. Afinal, morar no Largo 2 de Julho, tão movimentado por seus habitantes, amantes, boêmios e demais transeuntes, não era o mesmo – embora fosse, oficialmente – que morar no Centro. E, de fato, tal diferença não poderia ser meramente geográfica. As questões envolvidas ultrapassam os limites cartográficos. Pertencer a um lugar é muito mais do que habitar. É interagir, socializar, a ponto de não saber, nitidamente, quem muda mais, o indivíduo ou o ambiente. É carregar a marca registrada do seu *topos*, de origem ou identidade, pelo mundo.

E, voltando à reportagem, a mesma mencionava um projeto de Lei sobre a nova divisão de bairros soteropolitanos. Até então, Salvador só dispunha, oficialmente, de trinta e dois bairros, conforme Lei Municipal 1038/1960¹. A partir da Lei nº 9278/2017², que revogou a anterior, a capital da Bahia passou a ter cento e sessenta e três bairros, sendo cento e sessenta da porção continental e três da porção insular. A proposta teve como base a obra "O caminho das águas em Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes" (Santos, et al., 2010), que foi, realmente, um divisor de águas para o município. Um fator observado era a ausência de limites claros para alguns bairros, o que causava transtornos para a população. Em 2020, por meio do Dec. Nº 32.791/2020, mais sete bairros foram oficializados e, recentemente, mediante apelo popular que resultou na Lei Nº 9.778/2024, Salvador passou a contar com cento e setenta e um bairros.

Desta forma, o presente artigotem por objetivo apresentar o projeto da tese de doutoramento, recém iniciado, que compreende o estudo onomástico dos nomes geográficos dos bairros soteropolitanos, por meio da toponímia urbana, verificando as influências linguísticas, culturais, históricas, étnicas, etc. E, ampliando o *corpus*, pretendemos abarcar os principais aglomerados subnormais³ ou favelas – aqui usaremos o termo comunidades – existentes em Salvador que, conforme publicado no jornal Correio⁴, abarca cerca de 270 localidades que, um dia, poderão se tornar bairros, como ocorreu, por exemplo, com o Calabar a partir da Lei nº 9278/2017.

A análise seguirá o modelo teórico-metodológico adotado por Dick (1990b; 1992; 2004), no que concerne à classificação taxonômica dos topônimos, bem como ao armazenamento de dados em fichas lexicográfico-toponímicas adaptadas ao estudo. O produto final será a criação de um Guia Toponímico *online* em formato de *site* ou aplicativo. A título de exemplo, trazemos neste estudo, ainda incipiente, a ficha lexicográfico-toponímica do bairro *Calabar*. Tais estudos fazem parte do projeto ATOBAH – Atlas Toponímico da Bahia, inspirado no ATB – Atlas Toponímico do Brasil.

Referencial Teórico

Léxico, cultura e sociedade são indissociáveis. Por meio do léxico, é possível conhecer a cultura de determinado grupo social, permitindo compreender aspectos sociais, políticos, históricos, etc., em busca de seus elementos identitários. É através do léxico que pessoas se expressam, externando suas crenças e valores, o que torna imprescindível o estudo da língua inserida na cultura:

Partindo-se do princípio de que a língua se evidencia como parte da cultura de uma sociedade e que é através do sistema linguístico, mais especificamente do seu léxico, que os indivíduos se expressam e expressam seus valores, construindo a sua história, faz-se, pois necessário estudar a língua inserida na cultura. (Seabra, 2006, p. 28).

Cabe ressaltar que nossa definição de "cultura" a compreende como modo de ser, pensar e agir de cada sociedade, não havendo, de forma alguma, supremacia. O relativismo cultural é fato. Além disso, segundo Santos (2008), o mecanicismo binário não contempla os conceitos de cultura e sociedade, pondo em cheque as dicotomias orgânico/inorgânico, humano/não humano. Desta forma, entendemos cultura como conceito chave para a interpretação da vida social (Damatta, 1986 p. 122), como um conhecimento distribuído (Duranti, 2000 p. 56), percebendo as línguas como constructos humanos, por meio da antropologia linguística, no estudo da língua em uso (Vals, 2000, p.08), sendo percebida por meio da linguagem que, mesmo não verbal, é interpretada por meio de palavras. São elas que, entre outras atribuições, nomeiam coisas, sentimentos e, mais ainda, pessoas e lugares:

Nomear não é simplesmente atribuir mero rótulo estanque a algo ou alguém. Um nome, além do aspecto lexical, traz em si uma forte carga semântica, uma história, que pode vir a retratar uma época, um estilo de vida, um modelo de sociedade, bem como diversas interpretações no decorrer do tempo. (Abbade, 2020, p. 42)

O nome próprio, além de identificar, também significa. A este ramo da Lexicologia que estuda os nomes próprios de pessoas (antropônimos) e de lugares (topônimos), por exemplo, denominamos de Onomástica. Os estudos onomásticos proporcionam recorrer, além da Linguística, a outras áreas do conhecimento, o que contribui para o conceito de pluralidade e diversidade, inerente à condição humana, por meio da socialização. Tais estudos permitem experienciar a linguagem viva, traduzindo a vivência cultural de um povo (Basseto, 2010, p. 77). A antroponímia e a toponímia se constituem de elementos linguísticos que mantêm antigos estágios denominativos. (Seabra, 2008, p. 1957). A toponímia pesquisa o léxico toponímico por meio da motivação dos nomes de lugares. Segundo Dick (1998, p. 101), uma palavra

passa a ser nome através da transmigração do sistema lexical para o sistema onomástico:

O ato intelectual de nomear, onomasticamente, é distinto da constituição/criação da palavra, enquanto elemento do léxico e integrante do enunciado de língua. Para se tornar nome, a palavra passa por um experimento seletivo e interpretativo, que pressupõe a articulação pelo nomeador (ou enunciadador/emissor) de conceitos, valores, intenções, códigos e usos convencionais, de modo a constituir, como diz Foucault (1995: 153), quase “uma linguagem segunda a partir dessa linguagem primeira. (Dick, 1998, p. 101).

No léxico, em geral, chega-se do nome ao referente por meio do sentido. No sistema onomástico, passa-se diretamente do nome para o referente. Ou seja, “o topônimo e o antropônimo são, pois, entidades que vão além da expressão linguística e envolvem, obrigatoriamente, os referentes que destacam” (Seabra, 2008, p. 1956). Desta forma, o que era arbitrário no signo linguístico, torna-se motivado no signo toponímico:

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termo de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (Dick, 1990^a, p. 38).

Em linhas gerais, a motivação toponímica se relaciona com o ambiente ao seu redor. A topofilia, em sentido lato, “inclui todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (Tuan, 1980, p. 107). Sapir, ao relacionar língua e ambiente, esclarece que “se o ambiente físico, característico de um povo, assim se reflete em grande parte na língua, o mesmo acontecerá (...) em relação ao ambiente social” (Sapir, 1961, p. 50). Desta forma, quanto melhor for a relação de um grupo social com o seu ambiente, maior será a probabilidade de se manter seus valores, suas práticas sociais e seus topônimos, preservando, assim, sua identidade.

A Toponímia de Bairros Soteropolitanos

*E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.*
(Alberto Caeiro)⁵

Segundo o IBGE⁶, Salvador é a quinta capital mais populosa em todo o país. Até 2017, a delimitação territorial da cidade era regida pela Lei Nº 1038/1960 e o município era dividido em 4(quatro) distritos, a saber: I-Salvador; II-Água Comprida; III-Ipitanga; IV-Madre de Deus. O distrito de Salvador dispunha de 20 (vinte) subdistritos, comportando 32 (trinta e dois) bairros. Em 1961, o distrito de Água

Comprida foi elevado à categoria de município, com a denominação de Simões Filho⁷, assim como Ipitanga, em 1962, denominado Lauro de Freitas⁸. Madre de Deus⁹ teve sua emancipação em 1989, tornando-se também município, mantendo-se o topônimo. Atualmente, todos integram a região metropolitana de Salvador (RMS) que, atualmente, é composta por 13 municípios.

Somente a partir da Lei nº 9278/2017, Salvador passou a ter 163 (cento e sessenta e três) bairros, sendo 160 (cento e sessenta) da porção continental e 3 (três) da porção insular. A proposta teve como base a obra “O caminho das águas em Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes” (Santos, et al, 2010). A Lei também previa a possibilidade de 8 (oito) localidades se tornarem bairros, desde que preenchessem, pelo menos, três de quatro requisitos para efetuar a delimitação territorial. Os locais deveriam possuir unidade escolar de ensino fundamental (pública ou privada); posto de saúde; logradouro público para a circulação de veículos de grande porte e de prestação de serviços e, por fim, oferecer transporte público regulamentado (SALVADOR, 2020). Após anos de análise técnica realizada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (SEDUR), a Prefeitura oficializou, por meio do Decreto Nº 32.791/2020, a criação de sete novos bairros em Salvador, resultando, oficialmente, em 170 (cento e setenta) bairros.

Desta forma, podemos perceber na microtoponímia, neste caso, a toponímia urbana soteropolitana, uma maior dinamicidade em relação à fixidez de seus nomes, principalmente na nominação de vias de acesso e bairros. Entre 1960 e 2020, observa-se um considerável salto de 32 (trinta e dois) para 170 (cento e setenta) bairros. E este fator não se deu por ampliação territorial, muito pelo contrário. Nesse período, três dos quatro distritos foram emancipados, tornando-se também municípios. E, em fevereiro de 2024, mais um bairro foi criado, perfazendo o total de 171 bairros na capital soteropolitana até o momento.

Segundo Dick (1984, p. 45) mesmo que, em linhas gerais, não ultrapássemos limites regionais, esses topônimos merecem grande atenção, pois trazem em si particularidades que compõem nosso matiz cultural, a saber:

Todavia, é certo que um nome pode se fixar localmente, e nunca ultrapassar, na prática, os limites geográficos de sua região; nem por isso deixará de revestir a feição histórica que se lhe aponta. Nasceram esses denominativos como topônimos meramente locais, refletem dados e pessoas desconhecidas, em geral, do grande público, apesar de terem realizado feitos de realce em seu meio, o que lhes deu “condição toponímica” propriamente dita para serem rememoradas, de uma forma ou de outra. Continuam, porém, sendo elementos “despersonalizados” para a maioria da população. Principalmente em grandes extensões territoriais como a nossa, ou em regiões densamente povoadas, onde o conhecimento em pormenor da rede toponomástica se torna difícil, mais se faz sentir essa tipologia denominativa. (Dick, 1984, p. 45)

E, justamente por seu caráter local, a permanência desses topônimos torna-se bem mais frágil do que os “grandiloquentes” de repercussão nacional, como os nomes geográficos de estados, países e acidentes físicos, como rios, montanhas, entre outros. Salvador coleciona algum desses exemplos. O topônimo Água Comprida, antigo distrito de Salvador, foi emancipado sob o nome de Simões Filho. Assim como Ipitanga, topônimo originalmente indígena, é hoje o município Lauro de Freitas.

Em 1985, o bairro Beiru, cuja motivação foi o nome de um negro ex-escravizado, *Gberú*, que criou um quilombo no local, teve mudança toponímica para Tancredo Neves, em homenagem ao presidente do Brasil, falecido naquele ano, “contrapondo-se a essa toponímia natural, nascida em consequência de um dado comum ao morador do bairro” (Dick, 1984, p. 53). Segundo o jornal *Tribuna*¹⁰, foi realizado um plebiscito e, como justificativa para a mudança, defensores alegavam que o nome Beiru permitia rimas indecentes, além de remeter a um passado violento. Dupla falácia. Se fosse assim, topônimos como Itaipu, Maraú, Paraguaçu, Bangu, até mesmo Curuzu e Matatu, deveriam trocar o nome. Da mesma forma, a antiga comunidade das Malvinas, atual Bairro da Paz, em Salvador, continua violento. O nome Tancredo Neves perdurou até 2005, quando o “Fórum Comunitário em Defesa do Beiru lançou uma campanha reivindicando a mudança do nome do bairro para o que foi outrora Beiru” (Santos, et al, 2010, p. 198). Atualmente, o bairro admite as duas denominações, separadas por uma barra vertical Beiru/Tancredo Neves, muito embora, na mídia, ainda persista o topônimo Tancredo Neves. Atualmente, é considerado, ainda, um bairro violento, conforme relatado, entre vários periódicos, no *Jornal Correio*¹¹, dificultando até a venda de imóveis.

Outro caso envolvendo aspectos negativos acerca da simples nomenclatura de um lugar se deu no Calabar, atribuindo-se a errônea motivação toponímica a Domingos Fernandes Calabar, “um traidor que entregou a pátria aos Holandeses durante a invasão de Maurício de Nassau à então colônia portuguesa” (Conceição, 1984, p. 21). Em visita ao local, nos anos 1970, Dom Avelar Brandão Vilela, o então cardeal primaz do Brasil, considerou que a má sorte e miséria da comunidade poderiam ter sua causa, justamente, na escolha do topônimo, ou seja, o cardeal

cultivava a tese de que, mudando de denominação, a comunidade então poderia viver dias melhores. Isto ele também propôs a Exu, município pernambucano, que ficou famoso pelas brigas de duas ou três famílias que dominam a região. (Conceição, 1984, p. 22)

Entretanto, tal proposta não foi acolhida, pois pesquisadores da Prefeitura tiveram acesso à motivação do batismo daquele topônimo, que remetia ao tempo da escravidão:

O historiador Cid Teixeira informou que alguns escravos trazidos de uma região da África, mais precisamente do norte da Nigéria, numa área denominada *Calabar* (existente até hoje), chegando a

Bahia conseguiram fugir do jugo do opressor e se refugiaram exatamente na faixa de terra onde hoje está consolidado o bairro do Calabar. Nesta zona, os ex-escravos formaram um quilombo, local de resistência dos negros contra os escravocratas. O local era conhecido como o *Quilombo dos Kalabari*, esta a denominação dos nascidos no Calabar nigeriano. (Conceição, 1984, p. 22).

Desta forma, ao invés de mudança do nome, fortaleceu-se a necessidade de reabilitar o Calabar, “antes símbolo de resistência dos ancestrais africanos, agora símbolo de resistência ao neoescravagismo do século vinte” (Conceição, 1984, p. 22).

Dentre os 171 (cento e setenta e um) topônimos que designam os bairros de Salvador, apenas 5 (cinco) são, comprovadamente, de origem linguística africana. São eles: Beiru; Cabula; Cabula VI; Calabar e Cassange. “Coincidente-mente”, são bairros que ocupam o miolo ou o subúrbio da cidade, que

apresentam condições mais precárias de habitabilidade e uma menor oferta de equipamentos e serviços urbanos, concentrando as áreas classificadas como populares e populares-inferiores. Abrigam predominantemente os pretos e os pardos. (Carvalho; Barreto, 2007, p. 270)

Uma exceção à regra é, justamente, o bairro do Calabar, que se localiza na região da orla da cidade, próximo aos bairros de Ondina e Barra. Por estar localizado em área nobre, grande foi a luta de moradores contra a especulação imobiliária, sofrendo grande pressão para desocuparem o local. Porém, a comunidade se organizou e, através do “Movimento de Luta e Permanência no Calabar”, iniciado na segunda metade dos anos de 1970, garantiu a permanência, além de maior infraestrutura para o local.

Hoje em dia, o bairro possui vários equipamentos comunitários, desenvolve projetos educacionais e culturais. A Biblioteca Comunitária do Calabar, além de dispor de obras literárias e documentos sobre a história do bairro, abriga o Centro de Memória do Calabar, que relembra a história de luta e resistência de moradores, com documentos que datam, inicialmente, a década de 1830. Local que merece uma posterior visita durante a pesquisa de campo, a depender da segurança local, por conta do crime organizado que ainda é uma realidade no bairro.

Aspectos metodológicos

No presente trabalho, utilizaremos o método investigativo, sob forma de análise teórica, exploratória, com suporte em pesquisa bibliográfica e, provavelmente, pesquisa de campo. A análise toponímica dar-se-á a partir da categorização taxonômica proposta por Dick (1990a). Terá como *corpus* de base a Lei Municipal nº 9278/2017, acrescida do Decreto. que dispõe sobre a delimitação e denominação dos bairros do município de *Salvador*, associada a informações do IBGE, no que concerne aos topônimos que designam as comunidades existentes na cidade, além da obra “O Caminho

das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes”, que foi referência para a Lei em questão.

A ordenação do *corpus* consiste na identificação e classificação dos respectivos topônimos nas 27 taxas propostas por Dick (1990a), de acordo com sua natureza física ou antropológica, permitindo uma averiguação de suas motivações toponímicas. Far-se-á necessária, inclusive, uma pesquisa enciclopédica e etimológica (quando possível) a respeito dos topônimos, evitando-se uma classificação superficial e arbitrária.

As informações obtidas serão sistematizadas em fichas lexicográfico-toponímicas, adaptadas ao modelo proposto por Dick (2004), organizadas em ordem alfabética, a partir do topônimo, relativas a dados históricos, morfológicos, etimológicos (quando possível) e motivacionais dos topônimos constantes do *corpus*, com imagens fotográficas das respectivas localidades, acrescentadas as demais informações pertinentes.

As fichas lexicográfico-toponímicas auxiliam na organização dos topônimos em um campo estruturado. Por intermédio das respectivas fichas, é possível obter, de maneira sistemática, inúmeras informações a respeito dos topônimos estudados, além de contribuírem para a quantificação e análise dos dados pesquisados, apresentando, em gráficos, os resultados obtidos, seguidos de nossas interpretações, correlações e considerações.

E, finalmente, a publicação do *G-Top Salvador*, guia toponímico *online*, no formato de *site* ou aplicativo, com o intuito de democratizar informações relativas aos topônimos pesquisados.

A seguir (Quadro 1), apresentamos nosso modelo de ficha lexicográfico-toponímica, ainda em construção, tomando como exemplo o topônimo Calabar, que passou a ser bairro, oficialmente, a partir de 2017, mediante nova legislação.

Quadro 1. Modelo de Ficha Lexicográfico-toponímica.

TOPÔNIMO	TAXONOMIA	NATUREZA
Calabar	Etnotopônimo	Antropocultural
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Elemento específico simples	
LOCALIZAÇÃO	Orla sul de Salvador	
ORIGEM LINGUÍSTICA	Africana. (kwa)(BA). Cf. Calabari, povo do sudeste da Nigéria. (Castro, 2005, p. 191)	
HISTÓRICO	n/e	
IMAGENS		
 (Conceição, 1984, p. 24)  (Portal BNews de 08/05/2011)¹²		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS		
- No final da década de 1960, o bairro do Calabar passou por um grande crescimento populacional, em virtude da chegada de famílias inteiras expulsas de localidades de Salvador, bem como a vinda de muitos imigrantes da zona rural. (Santos, et al., 2010, p. 36) - O historiador Cid Teixeira informou que alguns escravos trazidos de uma região da África, mais precisamente do norte da Nigéria, numa área denominada <i>Calabar</i> (existente até hoje), chegando a Bahia conseguiram fugir do jugo do opressor e se refugiaram exatamente na faixa de terra onde hoje está consolidado o bairro do Calabar. Nesta zona, os ex-escravos formaram um quilombo, local de resistência dos negros contra os escravocratas. O local era conhecido como o <i>Quilombo dos Kalabari</i>, esta a denominação dos nascidos no Calabar nigeriano. (Conceição, 1984, p. 22) - O Calabar era uma comunidade doente, sem assistência nenhuma dos poderes públicos. Bebia-se água de cisternas, fáceis de fazer, de qualquer buracinho pipocavam os minadouras. (Conceição, 1984, p. 24).		
ABONAÇÃO		
Com uma programação variada composta de oficinas, teatros e feira de cooperativas, o Calabar, bairro localizado na avenida Centenário, em Salvador, será a primeira comunidade a receber neste sábado (16) a Biblioteca Móvel da Fundação Pedro Calmon, órgão da Secretaria de Cultura do Estado. (Portal G1 Bahia, 14.04.2011)¹³ Mudafavela leva arte e educação para o Calabar, em Salvador. Com mais de seis mil habitantes de maioria preta e parda, bairro resiste contra opressão através de projetos sociais. (Portal Terra, 23.11.2023)¹⁴		

Considerações parciais

Estamos no início desta empreitada, rumo aos topônimos que designam bairros e comunidades soteropolitanas, verificando as influências linguísticas, culturais, históricas e étnicas, por intermédio da toponímia urbana. Nossa intenção é contribuir para a preservação da memória de nossa sociedade, além de fomentar o caráter identitário de nossos municípios, quer de bairros, quer de comunidades, com o intuito de auxiliar na integração e valorização de cada localidade como parte integrante deste mosaico único, que é a cidade do Salvador.

Muito ainda se tem a percorrer por entre os bairros de Salvador. A toponímia urbana, por ser de cunho local, regionalizada, permite optarmos, também, pela pesquisa de campo.

Dos 171 topônimos, apenas 5 são, comprovadamente, de origem linguística africana, o que corresponde ao índice aproximado de 3% do total. Coincidentemente (ou não), o resultado, em dados percentuais, é praticamente o mesmo observado no estudo da hidronímia de fontes soteropolitanas (ABBADE, 2020), resultado que merece uma atenção mais aprofundada no decorrer da pesquisa do doutorado, em curso, no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagem na Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB).

Ainda é cedo para resultados, mas já podemos perceber, nas entrelinhas da linguagem, a permanência de um discurso ainda excludente, colonial e elitista no que se refere à denominação e/ou “rebatismo” de nomes de lugares.

Desta forma, a toponímia se torna um instrumento político e social na intenção de eternizar celebridades que, muitas vezes, sequer conheciam tais localidades que agora carregam seus nomes, entre outros fatores que, no devido momento, serão analisados e discutidos.

Por fim, acreditamos que a criação do G-Top Salvador - Guia Toponímico *online*, auxiliará na democratização de saberes, além de poder figurar como um repositório local de outros estudos relativos à toponímia soteropolitana e, por meio da língua, trazer aspectos relativos à história e cultura da primeira capital do Brasil.

Notas

¹Lei Nº 1038, de 15 de junho de 1960. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/1960/103/1038/lei-ordinaria-n-1038-1960-fixa-a-delimitacao-urbana-e-suburbana-dos-distritos-e-sub-distritos-do-municipio-do-salvador-divide-a-cidade-em-bairros-e-da-outras-providencias>. Acesso em 12 abril 2018.

²Lei nº 9278/2017. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/2017/927/9278/lei-ordinaria-n-9278-2017-dispoe-sobre-a-delimitacao-e-denominacao-dos-bairros-do-municipio-de-salvador-capital-do-estado-da-bahia-na-forma-que-indica-e-da-outras-providencias>. Acesso em 12 abril 2018.

³Segundo o IBGE, são formas de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular. Acesso em 21.07.21. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e>

⁴*Bahia tem o 3º maior número de casas em favelas do Brasil, aponta IBGE*. Site do Correio. Acesso em 21ju2021. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bahia-tem-o-3o-maior-numero-de-casas-em-favelas-do-brasil-aponta-ibge/>

⁵Poema XX de “O Guardador de Rebanhos”. In *Poemas de Alberto Caeiro*. Fernando Pessoa.

⁶Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>. Acesso em 18 junho 2023.

⁷Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/simoes-filho/historico>. Acesso em 10 julho 2023.

⁸Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/lauro-de-freitas/historico>. Acesso em 10 julho 2023.

⁹Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/madre-de-deus/historico>. Acesso em 10 julho 2023.

¹⁰Jornal Tribuna da Bahia, 29 de maio de 1985.

¹¹*Tancredo Neves: violência faz imóveis à venda encalharem*. Jornal Correio de 19/04/2023. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/salvador/tancredo-neves-violencia-faz-imoveis-a-venda-encalharem-0423>. Acesso em 18 julho 2023.

¹²Portal BNews de 08/05/2011. Disponível em <https://www.bnews.com.br/noticias/geral/12221-ministerio-publico-do-calabar.html>. Acesso em 12 maio 2014.

¹³Portal G1 Bahia, 14.04.2011. Disponível em <https://g1.globo.com/bahia/noticia/2011/04/biblioteca-movel-se-instala-neste-sabado-no-calabar-em-salvador.html>. Acesso em 10 março 2024

¹⁴Portal Terra, 23.11.2023. Disponível em: https://www.terra.com.br/visao-do-corre/corre-pro-futuro/mudafavela-leva-arte-e-educacao-para-o-calabar-em-salvador,2b2d2ee3e2a5f8489217ab92f87f349e909d4ehl.html?utm_source=clipboard. Acesso em 14 junho 2024

Referências

ABBADE, Celina Márcia de Souza. ATOBAH: proposta de elaboração do atlas toponímico da Bahia. *Caletrosκόpio* - Volume 4/ n. Especial - II DIVERMINAS, 2006, p. 576-588 Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/caletroscoPIO/article/view/3681/2901>. Acesso em 12 out. 2018.

- ABBADE, José Martins. *Água doce, o saber que vem das fontes: estudo toponímico de fontes na cidade do Salvador*. Orientador: Celina Márcia de Souza Abbade. 2020. 127 p. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020.
- AQUINO, C. 2007. Jornal Correio de 17 jun. 2017, p. 14.
- BASSETTO, Bruno Fregni, Elementos de filologia românica. São Paulo: EDUSP, 2001.
- CARVALHO, I. M. M. de; BARRETO, V. S. *Segregação residencial, condição social e raça em Salvador*. Cadernos Metrôpole, [S. l.], n. 18, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8737>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2005.
- COELHO FILHO, Luiz Walter. *A fortaleza do Salvador na Baía de Todos os Santos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2012.
- CONCEIÇÃO, Fernando. *Cala a boca, Calabar*. Salvador: s/e, 1984.
- DAMATTA, Roberto. *Você tem cultura?* Explorações: ensaios de sociologia interpretativa, Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 121-128.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira*. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. V. 2. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. p. 121-130.
- _____. *Os nomes como marcadores ideológicos*. In: *Acta Semiótica Linguística*, João Pessoa/ Plêiade, v. 7, nº 01, p. 97-122, 1998.
- _____. *Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.
- _____. *Toponímia brasileira: os estudos que faltam*. Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.
- _____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990a.
- _____. *Aspectos históricos de microtoponímia no Brasil*. Revista de História, [S. l.], n. 116, p. 43-54, 1984.
- DURANTI, Alessandro. *Antropología Lingüística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Hidronímia e toponímia: interferências entre meio ambiente e história. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 7, Campo Grande: Editora UFMS, 2014. p. 63-80.
- SALVADOR. *Prefeitura oficializa criação de sete novos bairros em Salvador*. Secretaria de Desenvolvimento Urbano. 2020. Disponível em <https://sedur.salvador.ba.gov.br/noticias/713-prefeitura-oficializa-criacao-de-sete-novos-bairros-em-salvador> Acesso em 08 jul 2023.
- SANTOS, Boaventura. *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, Elizabete (et al.). *O caminho das águas de Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes*. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010.
- SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: *Linguística como ciência*. Ensaios. Tradução: Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.
- SEABRA, M. Cândida Trindade Costa de. Língua, Cultura e Léxico. In: SOBRAL, Gilberto Nazareno, LOPES, Norma da Silva, RAMOS, Jânia Martins (Orgs.). *Linguagem, sociedade e discurso*. São Paulo: Blucher, 2015, p.65-84
- _____. *Referência e Onomástica*. In: MAGALHÃES, José Sueli de. II. TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org). *Múltiplas perspectivas em Linguística*, Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 1953-1960.
- _____. ATEMIG Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. *Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 2006, p. 1945-1952
- _____. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais*. 2004. 2 v. Tese. (Doutorado em Linguística). FALE/UFMG. Belo Horizonte, 2004. 368p.
- TUAN, Yi-fu. *Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.
- VALS, Amparo Tusón. Prologo a la edición española. In *Antropología Lingüística*. Alessandro Duranti. Madrid: Cambridge University Press, 2000. p. 7-10.